



ATA Nº17
SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL
DE BORBA
REALIZADA NO DIA 25 DE ABRIL DE 2012

----- Aos vinte e cinco dias do mês de Abril de dois mil e doze, nesta Cidade de Borba, no Salão Nobre dos Paços do Município de Borba, reuniu, pelas 15.00 horas, em Sessão Extraordinária, a Assembleia Municipal de Borba, com a seguinte ordem de trabalhos:

-----PONTO ÚNICO: **Sessão solene comemorativa do trigésimo oitavo Aniversário do vinte e cinco de Abril de Mil Novecentos e Setenta e Quatro** -----

----- Tendo presente o nº 1 do artigo 92º da Lei 169/99 de 18 de Setembro lavra-se a presente ata-----

----- O Senhor Presidente da Assembleia Municipal procedeu à abertura da sessão e ordenou realizar a chamada, verificando-se a presença dos Membros: Jerónimo João Pereira Cavaco, Carlos Manuel de Almeida Cabral, Carlos Manuel Armário Ficalho, Maria Filipa Martins de Almeida, António José Moura Proença, Augusto Manuel Bilro Guégués, Nelson Joaquim Gomes Gato, Rogério Manuel Pereira Pécurto, Joaquim Manuel Cardoso, Joaquim Manuel Ganito Trincadeiras, Francisco José Ramalho Mendes, Luis Manuel Pena Rodrigues Rato, Manuel Filipe Liliu Prates, Celso Miguel Lopes Ramalho, António José Lopes Anselmo, Amélia da Conceição da Silveira Bilro, José António Carapeto Dias, Edgar Manuel Varjola Liliu. -----

Verificou-se a ausência dos membros: Benjamim António Ferreira Espiguinha que justificou a sua falta. (documento arquivado em pasta anexa como doc. nº.1), Sérgio João Pécurto Gazimba que justificou a sua falta (documento arquivado em pasta anexa como doc. nº.2), Maria João Barroso Lopes Cavaco que justificou a sua falta (documento arquivado em pasta anexa com doc. nº.3), Roberto Carlos Vagante Ganito que justificou a sua falta (documento arquivado em pasta anexa como doc. nº.4)-----



----- O Presidente da Assembleia Municipal informou todos os presentes que aquela sessão da assembleia iria ser transmitida via Web, seria uma sessão experimental. Disse que, como era costume, na sessão comemorativa do vinte e cinco de Abril usariam da palavra as forças políticas com representação na Assembleia Municipal, por ordem crescente de representatividade, de seguida o Senhor Presidente da Câmara Municipal e, no final, o Senhor Presidente da Assembleia Municipal. -----

-----Seguidamente o senhor Presidente da Assembleia Municipal deu a palavra ao representante da CDU. -----

O deputado Joaquim Manuel Cardoso, em representação da força política CDU, proferiu o seu discurso, que se anexa no final desta ata (anexo 5). -----

----- Seguidamente o Senhor Presidente da Assembleia Municipal cedeu a palavra ao senhor Nelson Joaquim Gomes Gato que, em representação da força política PSD, leu o discurso que se anexa no final desta ata (anexo 6) -----

----- Seguidamente discursou o membro representante do PS, a senhora Amélia da Conceição da Silveira Bilro, cujo discurso se anexa no final desta ata (anexo 7). -----

----- Seguidamente proferiu o seu discurso o senhor Presidente da Câmara Municipal (anexo 8) -----

----- Finalmente discursou o senhor Presidente da Assembleia Municipal (anexo 9). -----

----- O Senhor Presidente da Assembleia Municipal deu por encerrada a Sessão. -----

Documentos anexos a esta ata:

Anexo 5: Discurso proferido pelo representante do CDU

Anexo 6: Discurso proferido pelo representante do PSD

Anexo7: Discurso proferido pelo representante do PS

Anexo 8: Discurso proferido pelo Senhor Presidente da Câmara Municipal

Anexo 9: Discurso proferido pelo Senhor Presidente da Assembleia Municipal

Borba, 25 de Abril de 2012

O Presidente da Assembleia Municipal

(Jerónimo João Pereira Cavaco)

Praça da República 7150-249 Borba | Telf.: 268 891 630 | Fax: 268 894 806 | www.cm-borba.pt | assembleia.municip@cm-borba.pt



O Primeiro Secretário

(Francisco José Ramalho Mendes)

O Segundo Secretário

(Joaquim Manuel Ganito Trincheiras)

Senhor Presidente da Assembleia Municipal

Senhor Presidente da Câmara Municipal

Ilustres Confrades

Excelentíssimos presentes

Antes de iniciar a minha intervenção, permitam-me recordar o Dr. Miguel Portas euro deputado que ontem, aos cinquenta e três nos deixou.

Independentemente de divergências de opinião, foi um jovem que puxou pela liberdade, que se debateu pela democracia e, neste dia, mais que nunca, nos merece homenagem e respeito.

"Não mais musa, não mais que a Ilira tenho,

Destemperada e voz enrouquecida;

e não do canto, mas de ver que venho do cantando a gente surda e endurecida.

O favor com que mais se acede o engenho, não no dá a pátria não, que está metida,

No gosto da cobiça e da rudeza, numa austera apagada e vil tristeza."

Escreveu isto Camões no século XVI, e aplica-se integralmente a esta pobre pátria de poetas, encarcerada pelo colonialismo estrangeiro.

Neste espaço, neste cenário e neste contexto, afirmei em 1985, 11 anos após Abril: com o Partido Socialista não se cumpriria Abril.

Desditosamente a profecia ajustou se à realidade.

No entanto, importa salientar, que malgrado a equiparação de responsabilidades de todos os partidos do arco do poder, na violentíssima e drástica crise que aflige hoje os portugueses, o núcleo central desta crise é, neste momento, o grupo de partidos oriundos da ditadura fascista que assumiu a democracia na ficção, mas ignorou sempre na realidade.

Não vou estender-me a factos históricos, nem o cenário, nem o contexto, o justificam. Mas direi que celebrar Abril, é um ato de afirmação, é um ato de recusa radical, de rejeição intransigente ao pacto de agressão da TROIKA, e de colonização da pátria portuguesa por colonialistas estrangeiros.

Celebrar Abril, é pois, reafirmar uma política patriótica e de esquerda, de promoção da identidade nacional, dignificação do trabalho, de promoção dos direitos humanos.

Da defesa da educação; da saúde; das políticas sociais; do direito ao trabalho; do estado como motor mesmo da construção da sociedade humanista ideal do 25 de Abril.

Cabe na circunstância, prestar homenagem aos Capitães de Abril, que, com inaudita audácia e coragem, nos libertaram da ditadura fascista.

Cabe igualmente, invocar a memória e o sacrifício dos mártires da liberdade, os que deram a amada vida, e os que sofreram vis e cruéis torturas, para que pudéssemos desfrutar da liberdade, que hoje, nos querem roubar.

A CDU quer deixar aqui claro, nenhum roubo de salários, nenhuma violação da Constituição da República, nenhum roubo de abonos e pensões, nenhuma morte provocada pela restrição do direito à saúde, lastimando a impunidade com que à sociedade viu morrer centenas de pessoas com deficiência, nas últimas décadas do século XX; nenhuma violação dos direitos humanos; nenhum apoio a guerras ou opressões a todos os povos; nenhuma destruição do Poder Local Democrático; nenhuma destruição de qualquer conquista de Abril terá o apoio ou a intransigência da CDU.

Estaremos na primeira linha da trincheira por o combate; estaremos na primeira linha da trincheira pelo retorno aos ideais de Abril, futuro de Maio, estaremos na primeira linha do combate em defesa da cidadania; estaremos na primeira de combate, em defesa da ressurreição dos modelos humanistas que dignificaram a matriz da ordem social, sempre odiada pelos herdeiros do Fascismo, que pontificou nos três últimos quartéis do século XX, ou nos dois últimos, dir-se-ia com mais propriedade.

Estaremos, pois, na primeira linha deste combate, e, estaremos na primeira linha da reabilitação desta Europa caduca; demencial; delirante, onde as catacumbas do Fascismo tomam conta em Bruxelas, Berlim, Madrid, Lisboa, Paris e outras mais partes que não sabemos, da procura da revanche da derrota do Nazismo na Segunda Guerra Mundial.

Esta é a verdadeira raiz da crise, o grande capital; a banca, o poder político, são apenas braços instrumentais dessa contra revanche fascista, que não aceitou a derrota da Segunda Guerra Mundial e pretende agora infringir aos povos os mais horríficos castigos que possa executar.

A CDU estará na primeira do combate, pela defesa da ordem estabelecida, com base na Declaração Universal dos Direitos Humanos e no amplo e vasto corpo de doutrina jurídica, de liberdades e dignidade, de que se salienta, o Pacto contra a Tortura e aplicação penas cruéis e degradantes, o Pacto dos Direitos Cívicos e Políticos, a Convenção sobre os Direitos das pessoas com deficiência, a Declaração sobre os Direitos da Criança, entre outro vasto corpo jurídico, promotor da liberdade, da democracia, sem prejuízo de divergências instrumentais.

A CDU não pode deixar, hoje como sempre, lastimar a feroz ofensiva contra Abril, a feroz ofensiva que pretende reduzir este país a uma mera coutada das catacumbas do Fascismo, e quero que isto fique registado, «catacumbas do Fascismo», a História, e a História, não é o nosso tempo, há de demonstrar quantas cumplicidades, quantas traições, quantas capitulações, conduziram a esta pré tragédia, e suspeito bem, se nos retrotraímos à história, que não estejamos no linear de uma crudelíssima guerra mundial, de imprevisíveis consequências.

A CDU estará na primeira linha do combate pela paz, do combate pelo multiculturalismo, do combate pelo respeito da soberania interna de todos os povos, aí estará a CDU.

Por isso, a CDU pretende apenas dizer: a CDU estará em todas as trincheiras, de peito aberto, de mãos dadas para reabilitar e ressuscitar os ideais de Abril.

Não nos esperem em gabinetes, em almofadas vermelhas, em vaidades delirantes! o nosso lugar é na luta, o nosso lugar é ao lado dos pobres, dos trabalhadores, dos excluídos, o nosso lugar é na trincheira dos direitos humanos! O nosso lugar é na construção da sociedade mais junta, mais fraterna, mais humana e socialista! aí é o nosso lugar.

Por isso mesmo reafirmamos aqui, que cumpriremos, e, tudo faremos para cumprir Abril. Tudo faremos para que o nosso povo, readquira a sua dignidade perdida, o nosso país a independência roubada, os trabalhadores os direitos esmagados, os pobres a alimentação roubada, para encher os bolsos ao grande capital.

A ignomínia dos fabulosos lucros das grandes empresas, a ignomínia dos lucros fabulosos da banca, a ignomínia dos chorudos salários, a ignomínia da corrupção passiva e urdida no arco do poder, nos bafons das elites dirigentes, tão responsáveis por esta crise, que nada tem que ver com os ideais de Abril.

A CDU estará no combate pela reposição dos ideais de Abril.

E terminarei a minha intervenção, com a citação desse poeta épico de Abril, José Carlos Ary dos Santos, diz ele, encerrando o seu poema As Portas que Abril Abriu.

" E se esse Poder, um dia, o quiser roubar alguém, não volta para a burguesia, volta à barriga da Mãe, volta à barriga da Terra, que em boa hora o pari! Agora ninguém mais serra as portas que Abril abriu."

Vinte e cinco de Abri sempre!

Excelentíssimo Senhor Presidente da Assembleia Municipal,

Excelentíssimo Senhor Presidente do Município,

Excelentíssimos Senhores Vereadores,

Excelentíssimos Senhores Deputados,

Digníssimo Público

É com muita satisfação que uso mais uma vez da palavra numa Sessão Solene da Assembleia Municipal de Borba, sobre o 25 de Abril.

Nasci pouco anos antes de 1974, e por isso, as memórias que fui construído representam apenas imagens de quem já só praticamente viveu em democracia.

Infelizmente a democracia parece estar a ficar doente, a sociedade civil tem vindo a demitir-se da sua função. Os elevados níveis de abstenção que ao longo dos últimos atos eleitorais se têm registado, parecem demonstrar o desinteresse e a descrença no sistema representativo e nas soluções apresentadas pelos vários partidos políticos e pelos seus agentes políticos. São as gerações mais jovens que se têm alheado de ter uma participação cívica e política mais ativa. Alguns jovens desconhecem mesmo os seus direitos e os seus deveres.

Esta é uma realidade que necessita urgentemente de ser alterada. É necessário mobilizar os jovens para as causas públicas, é necessário e desejável trazer ideias novas para a política.

Ao longo das últimas quatro décadas, o PSD tem sido um dos protagonistas do esforço para construir em Portugal uma democracia representativa e constitucional, assente nos valores do pluralismo político e da justiça social.

Foi nesse espírito que, durante a fase crítica do processo revolucionário, o PSD, sob a liderança do seu fundador, Francisco Sá Carneiro, esteve ao lado das forças políticas que combateram a ameaça de um comunismo pró-soviético e defendeu, desde o início, a construção de uma sociedade verdadeiramente livre e aberta.

Foi também com uma participação ativa do PSD que após a adesão de Portugal à CEE, se alavancou todo o processo de modernização do país, realizando com grande sucesso a reconversão das suas infraestruturas produtivas, a edificação das estruturas fundamentais do Estado Social, a expansão do acesso à educação e criando as condições para um futuro de crescimento e prosperidade.

Foi também neste período que teve lugar uma revisão constitucional que abriu caminho à libertação da economia do sufoco estatizante e à modernização das suas instituições. Este é um património histórico de que nos orgulhamos e que procuramos honrar.

Infelizmente, atravessamos tempos difíceis. Muitos de nós fomos levados a acreditar que o acesso ao dinheiro era fácil e "barato"!!!

Os bens materiais foram progressivamente substituindo os valores humanos, e por isso, estamos diariamente a descobrir, da pior maneira, que a realidade afinal não passava de pura especulação, que o consumismo desenfreado não significa bem-estar nem progresso.

É com o espírito de criar um Portugal melhor que, mais uma vez, o PSD está a tomar decisões difíceis que afetam diariamente muitos de nós. Temos consciência que muito do que estamos a passar poderia ter sido evitado, mas, não vale a pena tentar colar os pedaços partidos, vale sim muito a pena, pegar no que temos atualmente e construir o futuro de forma sustentável.

Acreditamos que a crise atual deve ser encarada como uma oportunidade para superarmos, coletivamente, uma série de problemas estruturais que nos afetam há longos anos.

O Estado não pode nem deve substituir-se ao papel e às responsabilidades de cada agente económico e social. Não se trata de "apagar" e "esquecer". Um "novo Estado Social" deve ser um Estado Garantia, na medida em que a sua razão de ser é salvaguardar o exercício da liberdade de escolha e igualdade de oportunidades.

Defendemos um Estado mínimo na prestação, mas máximo na garantia.

Um Estado Garantia é um Estado que assegura oportunidades a todos e a todos permite que escolham livremente os seus caminhos. Um Estado que garante aos cidadãos que estes não ficam

sem proteção, mas não quer impor-lhes modelos de vida, de comportamento ou dizer-lhes onde devem ou não investir. Por isso, ficar à espera que o Estado tudo resolva não é, definitivamente, a melhor das opções.

Como alguns têm tentado fazer crer, os "Ideais de Abril" não estão a ser postos em causa. É por vivermos em Democracia que hoje podemos ambicionar mudar e concretizar a mudança.

Passadas que estão mais de 3 décadas do 25 de Abril de 1974, muito à ainda a fazer pela liberdade e pela democracia.

Para terminar partilho com todos vós a opinião que Sofia de Mello Breyner deixou quando escreveu que: (passo a citar)

"Esta é a madrugada que eu esperava
O dia inicial inteiro e limpo
Onde emergimos da noite e do silêncio
E livres habitamos a substância do tempo"

(fim de citação)

Façamos das suas palavras o motor para criar o amanhã "inteiro" e "limpo".

Nós acreditamos em Portugal e nos portugueses

Obrigado

Exm.ºs Senhores

Presidente da Assembleia Municipal

Presidente da Câmara Municipal

Senhores Vereadores

Membros da Assembleia Municipal

Meus Senhores e Minhas Senhoras

Gostaria, hoje, 25 de Abril de 2012, prestar uma pequenina homenagem a um grande intelectual do século XX, Jorge de Sena. Ele, como tantos outros, debateu-se pela causa da liberdade e, perseguido pela polícia política do regime foi obrigado a exilar-se no Brasil.

Nasceu em Lisboa no ano de 1919 e morreu a 4 de Junho de 1978.

O poeta num dos seus poemas escritos em 1958 expressa: "Não hei-de morrer, sem saber qual a cor da liberdade."

Efectivamente este grande defensor da liberdade viu o seu sonho realizado em 1974.

Ele conheceu o seu sabor e, a sua cor e, muitos dos que aqui estamos vivemos essa experiência, pois essa data foi muito importante para o povo e para a história de Portugal.

Graças a um grupo de homens corajosos, liderados por Salgueiro Maia, a ditadura salazarista foi derrubada.

A partir de então a vida dos Portugueses alterou-se, pois a forma repressiva e, muito controladora que se impunha, tinha acabado.

A revolução dos cravos tinha atingido os seus objectivos.

A liberdade de expressão e os direitos humanos estavam conquistados.

Hoje, 38 anos passados será que o que se conquistou não estará ameaçado?

É certo que, vivemos tempos difíceis e a debilidade da conjuntura sócio-económica é mundial, mas será que os Portugueses não estarão a esquecer os ideais da democracia?

Será bom que pensemos num mundo mais justo e que os valores da liberdade pelos quais tantos têm lutado, não caiam no esquecimento.

A melhor forma de garantir e dar continuidade ao 25 de Abril é ter uma atitude positiva, intensificar a luta democrática, de modo a que todos os Portugueses, em especial a juventude, sejam participativos e responsáveis.

É preciso que haja, um grande empenho de todos na vida política, económica e cultural, pois só este caminho salvará Portugal.

- Viva a Democracia

- Viva a Liberdade

Exmo. Sr. Presidente da Assembleia Municipal

Exmos. Srs. Vereadores

Exmos. Srs. Eleitos da Assembleia Municipal

Minhas senhoras e meus senhores

Comemoramos hoje 38 anos depois de 25 de Abril de 1974! Recordamos com saudade todos os esforços que foram feitos no sentido de instaurar em Portugal o regime democrático em que temos tido o privilégio de viver há 38 anos. Pela madrugada os "Capitães de Abril" puseram fim à ditadura Salazarista/Marcelista.

Foi com grande esforço e empenho das forças armadas e com o impulso e força do povo que se conseguiu instaurar a Democracia em Portugal. Hoje, passados, 38 anos em que se esperava que houvesse maturidade do sistema democrático, assistimos aos mais variados tipos de atentados à Democracia, onde os sonhos de Abril são cada vez menos realidade.

É urgente e necessário que o espírito de Abril seja defendido pela população, à semelhança do que se passou com o movimento dos "Capitães de Abril", que se esforçaram e empenharam para que fosse possível derrubar os 48 anos de ditadura fascista.

O 25 de Abril de 1974 constitui o marco histórico mais importante da história portuguesa. Foi graças aos "Capitães de Abril" que se substituiu uma sociedade obscurantista, analfabeta, exploradora das classes mais pobres, que perseguia os opositores ao regime e que defendia uma guerra sem sentido, a guerra colonial, por uma sociedade participativa, interventiva, livre, democrática, esclarecida e mais culta.

E hoje a que assistimos? Assistimos a:

- atentados sistemáticos aos valores de Abril;
- atitudes ditatoriais de quem nos governa;
- atentados aos direitos do povo;
- inversão de regras democráticas;
- atentados ao Poder Local Democrático;
- distanciamento entre ricos e pobres;
- facilidade nos despedimentos dos trabalhadores;

- desaparecimento do Sistema Nacional de Saúde;
- acesso à educação só para as classes mais abastadas;

Será que o que acabo de referir é apenas uma miragem? Sonho? Ou é mesmo o regresso aos tempos da ditadura Salazarista?

Esperemos que não, mas não há dúvida que o sistema democrático em que vivemos está ameaçado e estão a criar-se as condições ideais ao regresso da ditadura!

Passados 38 anos, verificamos que o rumo do nosso país está a fugir cada vez mais dos objetivos que foram traçados pelos “Capitães de Abril”.

Não pretendemos julgar ninguém, nem sequer discutir quem foi mais culpado pelos desvios da sociedade relativamente aos objetivos de Abril de 1974.

Mas é importante não esquecermos que cada um de nós tem que se empenhar para inverter o rumo para onde esta crise mundial nos está a arrastar. Estamos conscientes de que é possível contribuir para resolver os problemas gravíssimos que nos afligem na atualidade, dos quais o desemprego e a pobreza constituem os maiores flagelos.

Os portugueses sempre souberam resolver as suas dificuldades, a nossa história demonstra isso mesmo. É inadmissível que seja a Troika que nos vem impor regras. Até parece que não temos competência para a resolução interna dos nossos problemas. Mas o que é ainda mais grave é que estamos a assistir à imposição de medidas que resultam de interpretações abusivas das medidas da Troika.

Senhor Presidente

Senhores Eleitos

Minhas senhoras e meus senhores

Estamos conscientes das dificuldades que a sociedade atravessa e dos problemas graves que nos atormentam. O caminho é claro! Com muito trabalho, sem atropelos aos direitos elementares dos trabalhadores, é possível que o espírito e ideais de Abril de 1974 continuem vivos. Mas, para tal, é necessário e urgente haver um entendimento sério entre os agentes económicos, políticos, militares e sindicais, sob pena de, se tal não acontecer, a sociedade democrática em que vivemos possa estar cada vez mais posta em causa e caminharmos para convulsões sociais e consequências imprevisíveis.

Passados 38 anos de Abril de 1974, não queria deixar de me referir à importância de um dos principais pilares de Democracia Portuguesa – o Poder Local.

Depois de 10 anos de vida dedicado à causa pública à frente da equipa que tem norteado os destinos do concelho, estou mais convicto que efetivamente os municípios desempenharam e desempenham um papel fundamental na consolidação da Democracia. É lamentável que diariamente se lancem ataques sistemáticos ao Poder Local, provenientes dos mais variados setores, não só governamentais, mas também de variadíssimos comentadores políticos e órgãos de comunicação, contribuindo para que o Poder Local saia mais enfraquecido e ajudando a que lhe seja retirada autonomia que ganhou em Abril de 1974.

Não tenho dúvidas nenhuma de que os municípios têm sido instrumentalizados pelo Poder Central, que os tem esvaziado de meios e recursos, enfraquecendo-os e retirando-lhes autonomia.

Os municípios que deveriam ser o “exército” de qualquer Governo para que em conjunto resolvessem os problemas das populações, são vistos pelos Governos Centrais com desconfiança, como se fossem eles os principais responsáveis pelos problemas do país. A resolução da crise e o combate ao desemprego em Portugal passa também pelo trabalho conjunto entre o Poder Local e o Poder Central e a tarefa é fácil, basta haver confiança mútua.

Estamos à beira do fim do Poder Local Democrático. Preparam-se negociações entre os dois principais partidos em Portugal para acabar definitivamente com o Poder Local Democrático ganho há 38 anos e que foi o principal aliado das populações.

Silenciosamente e nos corredores do Poder, verificamos perante a passividade da Associação Nacional dos Municípios Portugueses à tentativa de:

- redução do número de vereadores nos executivos e desaparecimento dos gabinetes de apoio;
- aparecimento de executivos homogéneos (apenas da mesma força política);
- esvaziamento dos poderes dos executivos municipais;
- aumento dos poderes das Assembleia e sua profissionalização;
- redução do valor das senhas de presença e ajudas de custo dos eleitos e deputados municipais;
- redução dos quadros superiores;
- diminuição do número de seções de voto, bem como do valor pago aos membros das mesas e ao fim da dispensa da atividade profissional no dia seguinte às eleições.

Em resumo, todas estas decisões, a serem aprovadas, serão a sentença final que contribuirá para o fim do Poder Local, como já venho afirmando há alguns anos. Tudo isto, segundo o Governo, para poupar dinheiro público. Coloca-se a questão: mas serão estas decisões que vão resolver o problema do *deficit* público?

Mas não assistimos a decisões idênticas nos órgãos governamentais. Antes pelo contrário, aí assistimos a:

- criação de grupos de trabalho com vencimentos acima da média;
- nomeações sem limite nos gabinetes de apoio aos eleitos;
- pagamento de subsídios de férias e natal aos nomeados para gabinetes de apoio;
- ausência de limitação de mandatos para os deputados e membros do Governo;
- ausência de austeridade para os gabinetes ministeriais e respetivos serviços.

Para terminar, não queria deixar de me referir aos nossos jovens. Os jovens são o futuro de qualquer país e a sua irreverência contribui sempre para o avanço da sociedade. Acredito que os jovens que estão a engrossar as listas de desempregados dos centros de emprego poderão e deverão ser o motor de desenvolvimento do nosso país. Não apostar nos jovens que são altamente qualificados é não querer apostar na inovação, criatividade e competitividade da nossa sociedade. Também é fundamental que os jovens se empenhem na vida política, procurando desenvolver a sua atividade política por convicção e não por conveniência, tendo em vista a revitalização e manutenção de uma sociedade mais justa, mais solidária, mais fraterna e mais igual.

Viva Abril de 1974

Viva Portugal

Viva Borba

Viva a democracia e a liberdade

Borba, 25 de Abril de 2012

O Presidente da Câmara Municipal de Borba

Dr. Ângelo de Sá

Exas Senhoras Deputadas
Exmos Senhores Deputados
Exmos Senhor Presidente CMB
Exm^{as} Senhor^{as} Vereadoras
Exmos Senhores Vereadores
Exmas Senhoras
Exmos Senhores

A minha primeira reflexão é uma palavra de solidariedade para com os Capitães de Abril.

Se no início entendi que a sua recente tomada de atitude respeitante às comemorações do 38º aniversário do 25 de Abril poderia ser questionável, depois de ouvir todos os comentários tecidos á sua tomada de posição, entendo que devo hoje expressar publicamente a minha solidariedade com a sua decisão.

Efectivamente a Revolução de Abril não é património de ninguém em particular, mas devemos no mínimo respeitar aqueles que de forma clara e inequívoca disseram BASTA, não devemos nunca menosprezar aquilo que foi o início de uma nova Era para o nosso País, e os responsáveis por esse dia foram sem dúvida nenhuma os Militares.

Não posso concordar com aqueles que dizem hoje que a tomada de posição dos Capitães de Abril é a busca de protagonismo, penso que devemos olhar para esta atitude como mais uma brecha que se abre, e uma evidência que o sistema político está doente, gravemente doente.

Como alguém já referiu o maior erro que cometemos é pensar que o passado não se repete da mesma forma
Apenas posso dizer humildemente áqueles que iniciaram o processo Revolucionário em Abril de 1974, OBRIGADO!

A minha segunda reflexão vai para o Poder Local, conquista de Abril, desenvolvimento lógico de um processo Revolucionário. Pilar fundamental da nossa Democracia.

Todos os que estão ligados de alguma forma ao Poder Local sabem da sua importância e necessidade no sistema Democrático Português.

Também sabemos que pode ser a única de forma de populações inteiras terem contacto com a Administração, muitas vezes o único ponto de contacto com alguém.

Não ponho em causa que actual divisão Administrativa do Território esteja desajustada á realidade dos nossos dias, não ponho em causa que algo tem que ser alterado.

Entendo que efectivamente devemos fazer o que é necessário da forma mais abrangente possível, não podemos de forma centralizada desenhar um mapa do País de forma isolada, sem ouvir as populações sem ouvir aqueles que representam o Poder Local, pois correremos o risco de mais uma vez falhar.

É necessário traçar um rumo para o País, um rumo que não se esgote na duração de uma Legislatura, um rumo que não seja alterado sempre que mudam os decisores Políticos, porque não estamos a brincar, estamos a do falar do futuro de gerações que pode ficar hipotecado, apenas porque não ouvimos no devido tempo da forma mais conveniente aqueles que são os mais importantes, os Portugueses.

Fazer estudos sobre determinadas matérias é importante mas depois devemos discutir os resultados desses estudos com todos de forma a apreender a realidade, de forma a conseguir o consenso mais alargado possível.

Todos nós que temos responsabilidades a nível local devemos estar atentos ao evoluir desta reestruturação do Poder Local, o que está a acontecer com as freguesias é apenas o primeiro ponto de algo mais abrangente que se seguirá.

Para mim o Poder Local é um dos mais fortes pilares da nossa Democracia, alterar a essência deste pilar configurará sempre um ataque á nossa Democracia, conquistada na madrugada de 24 Abril de 1974 .

Apelo mais uma vez a todos para que participem na discussão dos problemas que existem a nível local, das dificuldades em que hoje está mergulhado esse poder, que surjam nos locais próprios e nos ajudem a contribuir para a melhoria continua da qualidade de vida das populações.

Mas falemos de Abril, falemos dos seus símbolos mais marcantes, falemos da Revolução que nos permitiu a todos estar aqui hoje a falar de forma livre e aberta, sem constrangimentos.

A Revolução dos cravos pôs fim ao isolamento a que Portugal enquanto nação vivia, ajudando á criação de novos e independentes Países.

Citando Vasco Lourenço – “ ao cumprir todas as suas promessas, os Capitães de Abril transformaram o seu acto Libertador numa acção única na História da Humanidade”

Usar este cravo vermelho ao peito é mais que uma simbologia deve ser para todos um motivo de orgulho, este pequeno símbolo vermelho colocado sobre o coração simboliza a esperança de um Povo que se libertou das amarras de uma Ditadura insensível e cruel.

A cor vermelha deste cravo contrasta com o azul do lápis da censura, com o negro da fome de um País fechado sobre si mesmo, com o negro das famílias enlutadas pela perda de familiares numa guerra sem razão.

A cor vermelha deste cravo transmite a alegria de um Povo que acordou naquela madrugada para uma nova realidade.

As memórias que a minha geração guarda não são daquela madrugada, são dos anos que se seguiram.

Podemos discordar do Rumo que seguimos em alguns momentos após o 25 de Abril, mas tudo o que aconteceu tinha que acontecer para nos definirmos enquanto nação, enquanto Povo, enquanto Sociedade.

Em 2008 tive oportunidade de escrever, e passo a citar – “Tenho pena de ter só 2 anos no dia 25 de Abril de 1974, pois as memórias que tenho não desse tempo, são apenas de uns anos mais tarde, em períodos muito complicados para a nossa Jovem Democracia, mas são memórias que contribuíram de forma decisiva para construir uma ideia que me parece que temos que conseguir passar às gerações que nos vão suceder, que aquele foi o primeiro dia dos resto das nossas Vidas, que temos que continuar a lutar para que o 25 de Abril de 1974 não se transforme numa celebração saudosista e de memória distante onde um grupo de militares acabou com algo menos bom, temos que conseguir passar a mensagem que não foi isso que aconteceu, foi muito mais, foi um grito de liberdade, foi um grito de basta, foi um ponto de começo de uma nova vida, foi enfim o início de tudo”

Por mim e enquanto sentir o que sinto ao ouvir Zeca Afonso, cantar Grândola Vila Morena, lutarei com toda a convicção para defender Abril e as conquistas de Abril, e lutarei ainda mais para que as gerações que se seguem possam sentir o valor e a importância do espírito de Abril.

Vivemos períodos conturbados onde a incerteza é o único ponto certo neste momento.

Para mim pessoalmente mais importante que encontrar responsáveis pelo ponto em que chegámos, é perceber se o rumo que seguimos neste momento é o mais correcto.

Neste momento e perante as evidências actuais penso que não. Não imagino um país que convida a sua geração mais qualificada de sempre a sair do País.

Não imagino um País onde se escondem do Povo alterações às leis vigentes com justificações esfarrapadas para que tal tenha acontecido

Não imagino um País que não protege os que mais necessitam, que não presta cuidados de saúde aos mais carenciados, que se demite da sua mais importante missão, manter a coesão nacional diminuindo as desigualdades

Não imagino um País onde não existe um acordo claro e inequívoco entre os partidos do chamado Arco do Poder, sobre as mais importantes matérias, como justiça, saúde, educação.

Não imagino um país onde diariamente se descobre que o que ontem era verdade hoje já não é.

Mas infelizmente este é o País onde vivemos, é este país que temos que mudar!

Aos decisores políticos cabe a responsabilidade de escolher o melhor para o país, mas cabe-nos a cada um de nós escolher quem ocupa esse lugar de decisão, fazemo-lo sempre que somos chamados a isso, mas não nos podemos de imediato demitir de exigir que os nossos direitos, que a nossa estabilidade pessoal, que a nossa organização familiar seja posta todas as vezes em causa

Não sei se existe ou não outro caminho, mas acredito que sim, não me resignarei e não aceitarei de ombros encolhidos tudo o que está a acontecer

Exulto cada um de Vós aqui presente nesta sala a perguntar-se o que pode fazer para mudar o estado de emergência em que estamos mergulhados.

De certeza que em conjunto serão encontradas soluções, podemos em conjunto trilhar caminhos alternativos, podemos em suma continuar a realizar a Madrugada de 24 de Abril de 1974

Termino garantido a todos os presentes que enquanto Presidente desta Assembleia Municipal, lutarei na defesa intransigente dos princípios fundadores de Abril, defendendo de forma clara e inequívoca os interesses de todos os Municípios deste Concelho

Viva o 25 de Abril

Viva Borba